

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FIGURA
DE AMILCAR CABRAL
E SUA CONCEPÇÃO DA CULTURA NA LUTA DE
LIBERTICAÇÃO NACIONAL

Mensagem de

Centro de Estudos de África e Médio Oriente da
Huzna

ao Simpósio Amílcar Cabral

I. Da biografia política de Amílcar Cabral

Insiste-se na importância do papel da personalidade no desenvolvimento de determinados processos históricos e, de maneira especial, nos países cuja estruturação definitiva em todos os domínios essenciais parece remota, dada a sua dependência de sistemas e forças estranhas como o colonialismo e o neo-colonialismo que o mantêm submetido. Se tal insistência é válida, um excelente exemplo é, sem dúvida, o de Amílcar Cabral, forjador e animador de unidade dos povos da Guiné e Cabo Verde na luta; audaz e profundo teórico, ao mesmo tempo foi incansável activista de libertação nacional; fundador e guia da nação.

A esse herói revolucionário, por aos dezasseis anos reivindicava poeticamente o direito à liberdade e à vida para todos e que pensava não necessário destinar mais com a esperança de regressar um dia mais forte para libertar a sua terra, dedicamos alguns comentários na nossa breve comunicação, sobretudo na parte final da mesma - no que respeita às suas concepções sobre a especificidade cultural do mundo subdesenvolvido no momento em que tem lugar a luta de libertação nacional.

Recordemos que em Lisboa, desde o outono de 1945, numa Europa liberta de fascismo que nos pode contudo estender-se ao Portugal que estava ~~se~~ sob a tirania de salazarista Amílcar Cabral ~~pouco~~ ia muito em breve em contacto não levaria muito tempo a pôr-se em contacto com os antipascistas portugueses, particularmente nos lares da juventude.

tidantil, e quando acontecimentos como os de Argélia e Madagascar anunciavam dramaticamente o afundamento para breve do sistema colonial do imperialismo em África. Recorremos ^{entressim} ~~especificamente~~ que, apesar da importância evidente daqueles contextos e do ^{seu} sentido internacionalista da luta, Cabral estava ~~já~~ antes convencido de que a luta fundamental de homens como ele era pela libertação da sua terra africana.

Intimamente ligado aos grupos de estudantes das colónias portuguesas na universidade de Lisboa, Cabral pôde compreender a tempo que o seu carácter de africanos "assimilados" os ~~apartava~~ punha perante um dilema, que não era por outra promoção pessoal dentro de uma ~~estrutura~~ sociedade dominada ou a elevação do nível cultural com o propósito de lutar pela destruição do sistema. Na preparação e na crescente agitação destes primeiros grupos Cabral desempenharia um papel relevante, que no intento abortado ~~de~~ pela LIDE de se apoderarem da "Casa de África", fez nos esforços para criarem um Centro de Estudos Africanos. Ao empregar-se, aos vinte e oito anos, nos serviços agrícolas e florestais de Bissau, Cabral "... obedecia a um chamado, à ideia de fazer algo, de dar uma contribuição para sublevar o povo, para lutar contra os portugueses ... desde o primeiro dia que pisamos os pés na Guiné". "Tudo ... luta contra os portugueses dentro da unidade, unitariamente divididos pelo colonialismo português".

Planejador e executor suavemente profissional de um censo agrícola da colónia portuguesa da Guiné, Cabral

3
- muitas vezes se ~~de~~ tem dito e escrito - aproveitaria
essa ocasião para se reencontrar com o povo e com as raízes
da exploração económica. A sua percepção da diversidade
multicultural não o impediu de conceber uma unidade ba-
seada em fundamentos essencialmente comuns. Um pouco
mais adiante, reafirmar-se-ia em outra convicção: ao
passar, ~~por~~ por força das circunstâncias, para Bafata, ten-
nar-se-ia evidente a possível e necessária unidade
dos povos das colónias de Portugal na luta contra o
regime colonial fascista de Salazar. Em Bafata Cabral
não só trabalhou como engenheiro autónomo, mas também
participou activamente nas incipientes ~~e~~ clandestinas
formações políticas que pouco depois culminariam no MPLA.

Pensamos que não é exagerado afirmar que a sua
obra máxima foi a afirmação, desenvolvimento e climax vi-
torioso do Partido Africano de Independência da Guiné e
Cabo Verde (PAIGC), aparecido na noite de 19 de Setembro de 1956.

Universalmente reconhecido e efetivamente dinâmico foi
o génio táctico de Cabral, uma de cujas provas se encontra
na transição de 1959 para 1960, sendo o narrador de 50
trabalhadores africanos no caso de Bidjiquiti o convencer da
necessidade de reajustar a política do PAIGC no respeitante
ao teatro de operações: a decisão de mobilizar e organizar
as massas camponesas, força política principal de luta de
libertação nacional nas circunstâncias histórico-concretas da
Guiné-Bissau, inscreve-se nas páginas mais brilhantes da
acção de Cabral como dirigente máximo do PAIGC.

Uma característica invariável da personalidade de Cabral

foi o seu estreito contacto com a realidade em transformações
de colónia; mudanças que exerceram influência intelectual-
mente e na prática política. É assim que as vitórias mi-
ltares do PAIGC e as modificações nas relações de forças à
escala mundial convenceram Cabral da possibilidade de introdu-
zir modificações táticas e estruturais para melhorar as condições
da luta popular contra as forças colonialistas e da adopção
progressiva de formas de combate políticas e militares cada
vez mais avançadas e ousadas. Naturalmente, sabendo perfeitamente
a na "suja guerra" pelo menos desde os fins de 1968,
também o fascismo português se lançaria numa intensa actividade
de para agravar o conflito, atingir internamente e externamente o
PAIGC e tratar de liquidar o indiscutível líder de uma
organização que tinha ganhado a posição de vanguarda da luta
contra os restos do sistema colonial no continente africano.

A 22 de Novembro de 1970 o colonialismo português
tentou acabar com Cabral por ocasião da efusão imperialista
na vizinha e nova República da Guiné-Conacri. Um pou-
co depois de fracassado o intento dos seus inimigos, Cabral
advertia: "O resto criminoso do colonialismo português, ven-
cido e isolado perante a opinião mundial, define-se mais
claramente por nunca como uma aberração histórica na qual
a liquidação por todos os meios necessários se torna indispensá-
vel e urgente."

Sob a orientação de Cabral, o PAIGC multiplicaria
no terreno as iniciativas para tentar consolidar as suas inci-
pientes estruturas estatais nas regiões libertadas, e para de-
viar o eixo de acção política-militar e de reconstrução na-
cional. A tal ponto foi em Abril de 1972 uma missão espe-

o Conselho de ONU visitou as regiões libertadas do Sul, e a 14 de Novembro do mesmo ano a Assembleia Geral das Nações Unidas reconhecia formalmente o PAIGC como o único, verdadeiro e legítimo representante do povo da Guiné e Cabo Verde.

Com a constituição dos comités regionais, que, uma vez reunidos, deferiam entre os seus membros os 120 representantes à Assembleia Nacional Popular, culminava o processo de eleições gerais nas regiões libertadas pelos guerrilheiros. No que se considera o seu testamento político, Cabral ~~apresentava~~ ^{revelava} a 1 de Janeiro de 1973 no decurso desse mesmo ano se proclamaria pela dita Assembleia proclamaria o Estado da Guiné Bissau, dotado do seu correspondente executivo e com a sua lei fundamental. Como definir esse Estado? O Estado da Guiné-Bissau, segundo a rápida e acertada iniciativa de Cabral, não era outra coisa senão um país independente sob o controlo político-militar do PAIGC, ~~encontrando-se~~ ^{algumas das suas} regiões ~~encontrando-se~~ ainda ocupadas por forças militares estrangeiras. Não obstante o assassinato do grande combatente a 20 de Janeiro de 1973, o seu partido e os seus herdeiros inaugurariam nesse mesmo ano o Estado que ele concebeu e pelo qual lutou.

Quando na primavera de 1974, e pela combinação das guerras de libertação nacional das colónias e a acção das forças democráticas portuguesas foi derrubado o salazarismo, o novo governo português reconheceu (entre 1974 e 1975) o direito à auto-determinação da Guiné Bissau e de Cabo Verde. Com a independência e a formação das duas jovens repúblicas alcançava-se a meta essencial do ideal de Amílcar Cabral. Outra importantíssima parte do seu programa ra-

6
cional - libertador vai - se cumprindo nas transformações operadas desde então nesses territórios, os quais se inscrevem a justo título na revolução social anti-capitalista que Cabral conduz em pa-
ra a África.

II. Cabral sobre cultura e libertação nacional

1. Generalidades sobre cultura, sociedade e política

Como a cultura existe apenas em sociedade, nunca hou-
ve nem haverá cultura na natureza sem o homem. Como con-
vito, alguns comparam cultura com sociedade em termos de espaço
abarcável. Encontraremos elementos de cultura em qualquer cam-
po da vida social, o que deu azo ao emprego do conceito cul-
tura como sinónimo de sociedade, no qual o cultural seria di-
tativo do modo de existência humano.

É impossível que, numa formação social de contradições inter-
nas antagónicas, maiores ou menores, entre grupos, camadas ou
classes sociais, não se reflitam tais contradições na esfera da
cultura. De maneira natural, a cultura toma, no seu conteúdo,
um complexo carácter de classe, não como resultado de nenhuma
conspiração, mas como parte de um processo. Porque a cultura
existe numa sociedade determinada como um conjunto específico
de valores materiais e espirituais constituintes do meio material
e espiritual em que actuam esses homens particulares.

Na cultura específica de determinada sociedade tomam
nação ou em vias de se converter em nação, - dado que a mes-
ma contém uma massa de explorados que lutam objectivamente
para sobreviver e/ou subverter o contexto particular -, certos
ideias e elementos dessa luta vão-se integrando lenta mas inexo-

revelante à cultura do conjunto; ainda que os exploradores, os primeiros a disputarem do sócio que pressupõe uma cultura "cultura" (artístico-literária), não só mandam socialmente mas ainda as suas ideias aristocráticas e elitistas dominam também no conjunto de cultura. Nesta, pois, convivem antagonicamente elementos da ~~estrutura~~ ordem dos exploradores e manipulações intermitentes, progressivas - por si, do mundo dos explorados.

Os valores culturais de uma sociedade concreta, assim como o grau de desigualdade social ^{deles} refletida, ~~de~~, condicionam os modos de conduta dos indivíduos dentro das comunidades historicamente concretas. Na sua atuação, os homens orientam-se pelos símbolos da cultura, razão pela qual se fala em forma de conduta simbólica, em oposição à conduta animal de caráter reflexo.

A cultura não é algo distinto dos demais fenômenos sociais, mas tão-pouco é algo idêntico a eles. A cultura é um conceito sintético, que indica o avanço material e espiritual da atividade humana em ~~em~~ ^{modos} ~~modos~~ especificamente humanos de pensar e agir socialmente.

Expressam-se na cultura a diversidade espacial da sociedade, devida à coexistência de distintas comunidades humanas; o seu desenvolvimento; a diferenciação interna, produto da divisão do trabalho; a existência de múltiplas esferas de atividade e de interesses de classe opostas; etc., etc.

Enquanto sistema, toda a cultura está unida organicamente a determinadas condições sociais, pelo que, geralmente, uma cultura funciona em prol da permanência de uma forma específica

(8)

de sociedade. Naturalmente que isso não impede a passagem histórica de uma cultura para outra, ao mudar a organização social. O critério de que não se pode aplicar o desenvolvimento à cultura, segundo posições estruturalistas e funcionalistas, é um critério a todos os títulos unilateral e a-histórico; ainda que ~~seja~~ seja indubitável a contribuição de alguns partidários dessas posições aos estudos de culturas chamadas pejorativamente "primitivas" e tratadas primitivamente pelo sistema capitalista de saque colonial, que pretende o seu aniquilamento e, inclusive, a extinção genocida do povo portador dessa cultura. De maneira espontânea, esse povo encontrava na defesa da sua cultura um modo inicial de luta proto-nacional.

2. Cabral e a relação entre cultura e libertação nacional

Assim como, ^{para} ~~no~~ desenvolvimento de determinada cultura nacional, "concomitantemente" basicamente duas culturas — a dominante do explorador e as ideias que exprimem o interesse anti-digressivo e democratizador dos explorados —, nas relações externas entre uma e outra cultura, ou seja, entre uma e outra sociedade, também encontramos complexos processos de interpenetração e influência recíproca, assim como de choque, lutas e defrontações de distintas culturas. A complexa trama dessas relações foi tratada objetivamente e brilhantemente por Amílcar Cabral no seu célebre ensaio "O papel da cultura na luta pela independência", escrito para a UNESCO em 1972.

Embora essencialmente negativo como fenómeno, o imperialismo não foi só uma realidade negativa. "O domínio imperialista", escreve Cabral — é o resultado da confrontação, quase sempre violenta

ta, de duas entidades distintas pelo seu conteúdo histórico e antefóricas pelas suas funções. Ao suscitar, fomentar, favorecer e resolver determinados conflitos sociais dos povos "periféricos", o capital imperialista "deu novos mundos ao mundo", cujas dimensões reduziu; forçou "uma confrontação multilateral e progressiva entre homens e sociedades" - diferentes. Nesse contexto, a resistência cultural das massas populares à dominação estrangeira é a resposta espontânea e quotidiana do povo dominado à negação do seu processo histórico. (9)

Porém, advertindo ^{para} os perigos de correntes ontologizantes e sublimadoras de "culturas raciais", "regionais" ou "primitivas", Cabral explica na sua obra como uma determinada comunidade histórica, tribo, ~~nacionalidade~~, nação, grupo de povos de culturas afins - imprime à cultura indubitáveis peculiaridades; e, ao mesmo tempo, como determinado regime social e interesses de classe comunicam à cultura determinados conteúdos e orientação ideológicos.

Segundo Cabral, para fins de libertação nacional, interessa conhecer tanto a cultura geral da sociedade dominada como a particular de cada categoria social, já que a cultura não se desenvolve uniformemente nos diferentes grupos e classes de tal sociedade. Uma análise objectiva da realidade cultural leva a refer a existência de culturas raciais ou continentais:

- antes de mais, porque a cultura, como a história, é um fenómeno em expansão e intimamente ligado à realidade

de econômica e social do meio;

— em segundo lugar, porque o desenvolvimento da cultura se produz de forma desigual, tanto num continente como numa raça e, inclusivamente, é independente da vontade dos homens, da cor da sua pele, da forma dos seus olhos e dos limites geográficos de cada país.

O acto da libertação nacional, da expulsão definitiva da opressão, o qual é muito mais, e mais difícil, do que a expulsão física dos estrangeiros opressores, pressupõe a autocritica da cultura autóctone. Essa autocritica é um exercício que não a faz ~~perder~~^{perder} especificidade, mas, pelo contrário, a enriquece, fá-la tocar a fundo e cobrir todo o seu espaço, permite-lhe ~~acessar~~^{acessar} à ciência e à cultura universal maiores e mais profundos conteúdos.

A cultura nacional, "... parcela do património comum da humanidade ..." que procura integrar-se harmonicamente ao resto do mundo, depois de ter sobrevivido "a todas as tempestades", requer uma depuração a fundo, para que, num mundo cada vez mais internacionalizado e "tecnologizado", possa alcançar o máximo florescimento.